

Trabalho de Conclusão da Pós Graduação
CAMINHADA COMO MÉTODO PARA A ARTE E EDUCAÇÃO
Especialização Lato Sensu
TURMA 1 - 2017/2018

Relato de Viajante
Poética do Caminhar

Tatiana Fecchio C Gonçalves

Idealização, Concepção e coordenação
Prof.^a Dra. Honoris Causa Edith Derdyk
Direção geral D'A Casa Tombada
Prof.^a Dra. Ângela Castelo Branco Teixeira e
Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

São Paulo

2018

Lista de imagens

- [1] ...caminhar quando corte, 09
Papel colorset preto tamanho A4 cortado radialmente
- [2] ...caminhar quando linha 1, 10
Papel colorset preto tamanho A4 com intervenções de fio de cobre
- [3] ...caminhar quando linha 2, 11
Fio dourado sobre modelado sobre fundo branco (12 x 12cm)
- [4] ...caminhar quando força, 12
Papel colorset preto tamanho A4 enrolado cilindricamente e envolto por fio de cobre. Papel vegetal tamanho A4 enrolado conicamente e envolto por fio de cobre
- [5] ...caminhar quando mistério, 13
Folha de papel craft perfurada por um fio de cobre em dois pontos (15 x 15cm)
- [6] ...caminhar enquanto repouso, 14
Fio de cobre e barbante preto aninhados (12 x 12cm)
- [7] ...caminhar enquanto entre, 15
Folha de papel colorset preto A5 e recortes de folhas de papel vegetal (14,8 x 21cm)
- [8] ...caminhar quando anúncio, 16
Folha de acetato tamanho A4 cortada
- [9] ...caminhar quando ferida, 17
Folha de acetato tamanho A4 cortada
- [10] ...caminhar quando vertigem, 18
Folha de papel de gramatura 200g/m² cortada e dobrada
- [11] ...caminhar enquanto encontro, 19
Folha de papel vegetal tamanho A4 amarrada, nanquim preto e dourado
- [12] ...caminhar quando desencontro, 20
Folha de papel vegetal tamanho A4 amarrada, nanquim preto e dourado
- [13] ...caminhar enquanto movimento, 21
Folha de papel de gramatura 90g/m² cortada sobre fundo preto (21.0 X 29.7cm)

Sumário

1. Sobre o caminhar, 05
2. Sobre o cartografar, as redes e o documentar, 06
3. Sobre afetos, desdobramentos e interdições
 - Os índices, 08
 - Os rastros, 22
4. Conclusão, 27
5. Referências Bibliográficas, 30

1. Sobre o caminhar

Esta pós graduação foi vivida de forma intensa.

Desde o primeiro encontro foram muitas as trocas e as relações que se estabeleceram, fosse ela entre o que eu era e as pessoas com as quais eu com-vivi, fosse entre o eu havia em mim e o que havia dentro das pessoas com as quais estive.

Foram encontros mensais que se desdobraram em mim como ser, em mim como devir, nos meus desdobramentos como professora, como artista, como ente.

Foi um caminhar que se mostrava, sempre, repleto de potência. Cada anotação de encontro que residia na agenda, era antecipado por expectativas... o que veria, o que diria, para onde iria. Neste sentido o Curso, em seu percurso, foi ao mesmo tempo Norte e desnorteador, os encontros por vezes leves e fugidios eram intercalados por finais de semana vertiginosos que me faziam sair tonta, reverberante, inquieta.

E foi assim... por este ano e meio.

Havia alguns caminhos a seguir neste relato sobre o processo. Poderia discorrer sobre o material já apresentado ao final do processo (a aproximação poética entre a Salles e Kastrup). Poderia falar cronologicamente sobre cada encontro. Poderia fazer discussões mais ou menos teóricas sobre as leituras realizadas.

Mas nesta pós de caminhanças o caminho é um valor sem valor igual.

Assim, embora as produções plásticas realizadas fossem em si possibilidades, e as reflexões a partir delas também construção de conhecimento, optei por compartilhar aqui instantâneos retirados dos vestígios deste caminhar, do caldo que ao final ficou e que, de alguma forma, ainda está.

Sem muito a mais e sem muito a menos, optei por seguir o processo de legitimação de uma forma de construção da realidade já anunciada, de uma maneira de se relacionar com o mundo, com as coisas que se nos apresentam e as quais somos apresentados. Optei por seguir a afirmação de uma dada singularidade. Uma dada experiência que é sensível, histórica, regional, global, contemporânea, do meu clã... que é singular. Uma dada forma de codificar e decodificar, de saber e de saber-se.

2. Sobre o cartografar, as redes e o documentar

Olhei novamente as anotações cartográficas das experiências. Os vídeos, os áudios, os registros fotográficos, os esquemas, os desenhos, as produções síntese de reflexões, as produções síntese de processos, as produções em processo, as palavras soltas, as frases, o verso das folhas desenhadas, os versos... segui a rota dos pontos de parada e das setas que foram se apresentando ao longo do processo. Direções, percorreres e menires.

Re-memorei as vivências, as percepções, os deslocamentos.

Re-vivi, de forma atualizada, outros tantos.

Escavei deste processo os instantes marcantes, os momentos que se perpetuaram, os lugares de suspensão, de disrupção, de sensibilidade, de afeto, de relação, de criação e de poesia.

Recolhi dentre todos, aqueles que eram síntese em imagens, que se deram dentro e se evidenciaram em trabalhos-elaboração.

Desejei compartilhar este mapa implícito a partir de menires explícitos. Um campo de força com pontos de parada, pausas de síntese dos processos vividos. Criações que são a materialização de questões, reflexões, aquisições, justaposições, confrontamentos, complexidades, tensões... de saberes. Desejei então explicitar destes os motivos, os modos, as lógicas, as adesões, as metáforas, o que ocorreu dentro.

Neste mapa submerso, sem direções e-videntes – como num desvelar fugidio dos enredamentos emaranhados que se deram nas profundezas –, tenho a intenção discreta de conhecimento.

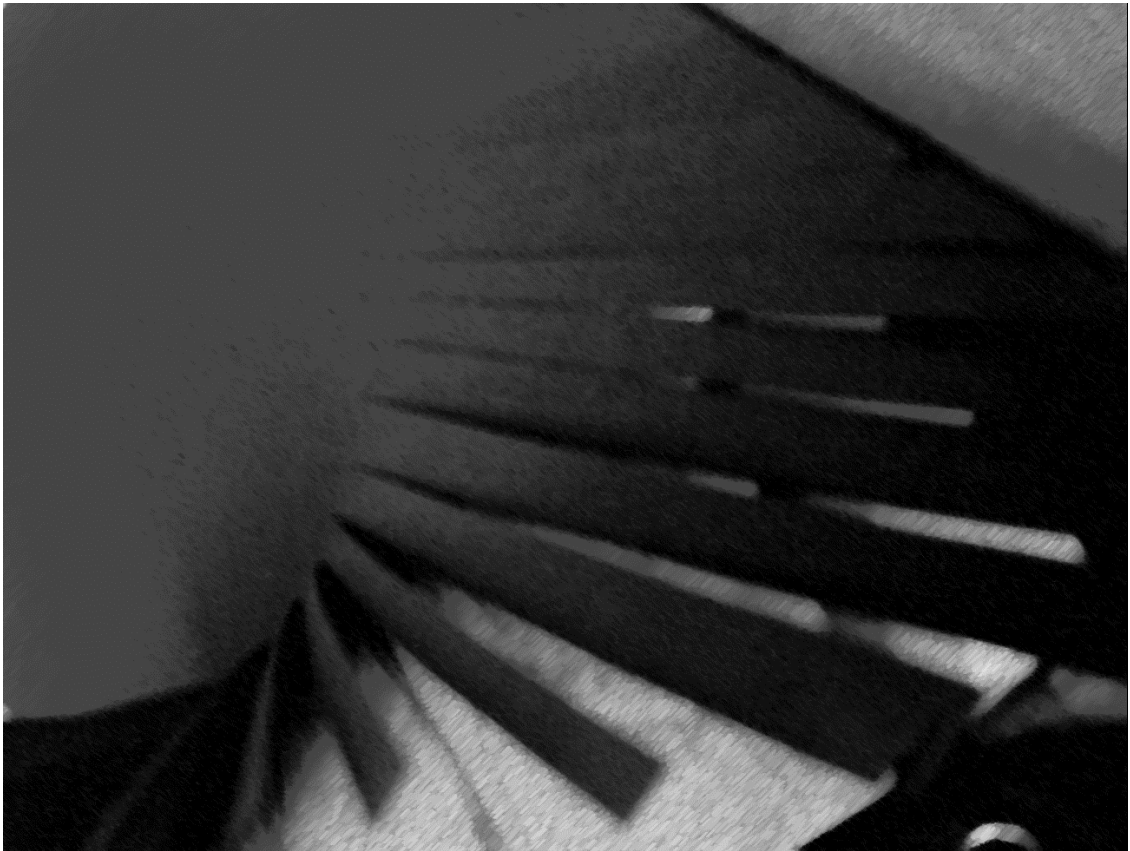
Um mapa submerso com menires/índices de processos profundos. Narrativa criada sobre os arredores de inflexões à superfície.

Aposta de que será no campo sensível da sua leitura, e não na tentativa ilusória de controle antevisto sobre ela, que nos encontraremos.

3. Sobre afetos, desdobramentos e interdições

3.1 Os índices

...caminhar quando corte



[1]

O corte que separa em dois os territórios, faz vislumbrar
o quê as suas margens assim recém criadas apresenta

Divisor

Divididor

A linha do corte segue e ao separar os campos, ignorante
das divisões que gera, caminha como se seu foco fosse à
frente, além das rupturas que inaugura. Linha ignorante

Ignóbil

Não percebe os abismos

...caminhar quando linha 1



[2]

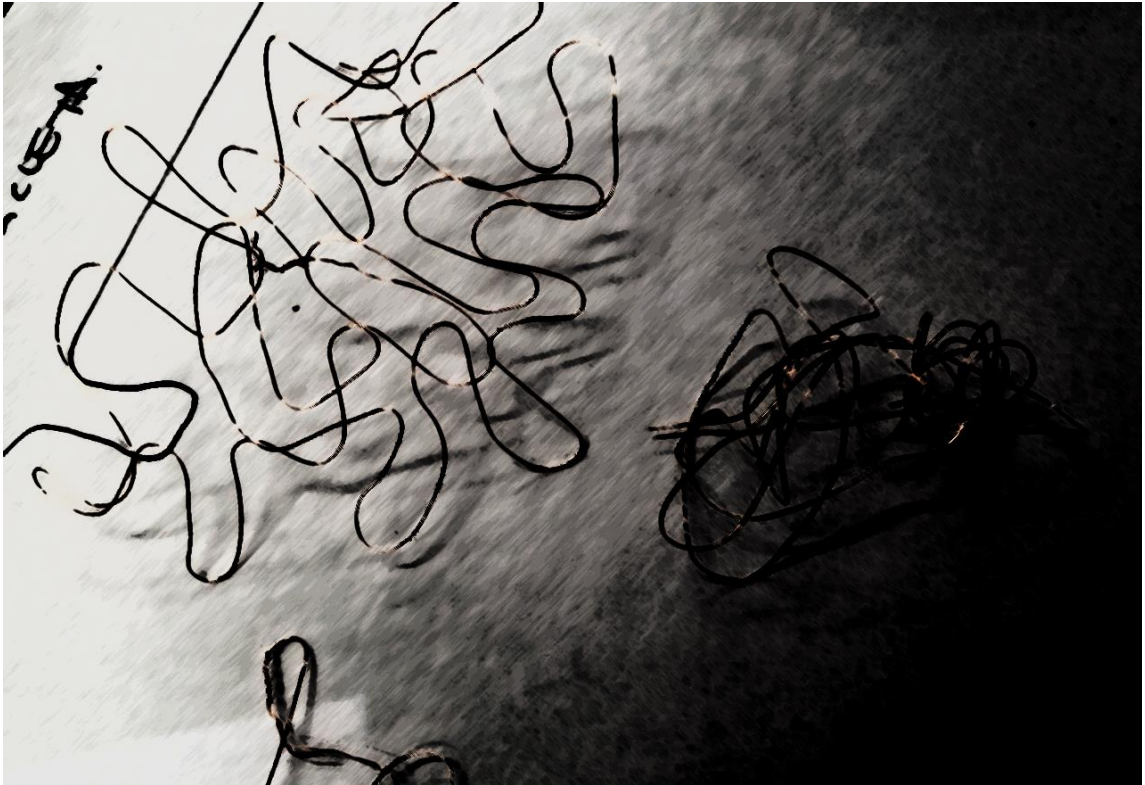
a linha, em sua somatória infinita de pontos - abstração
inexistente - se dá à continuidade

afeita que é do espaço, perfura, transpassa e se dá

mas ela também fica estrangida pelo espaço que sempre a
envolve. Opressor. É assim que se efetiva em uma presença
resistente.

inexistente e resistente. Assim é a linha

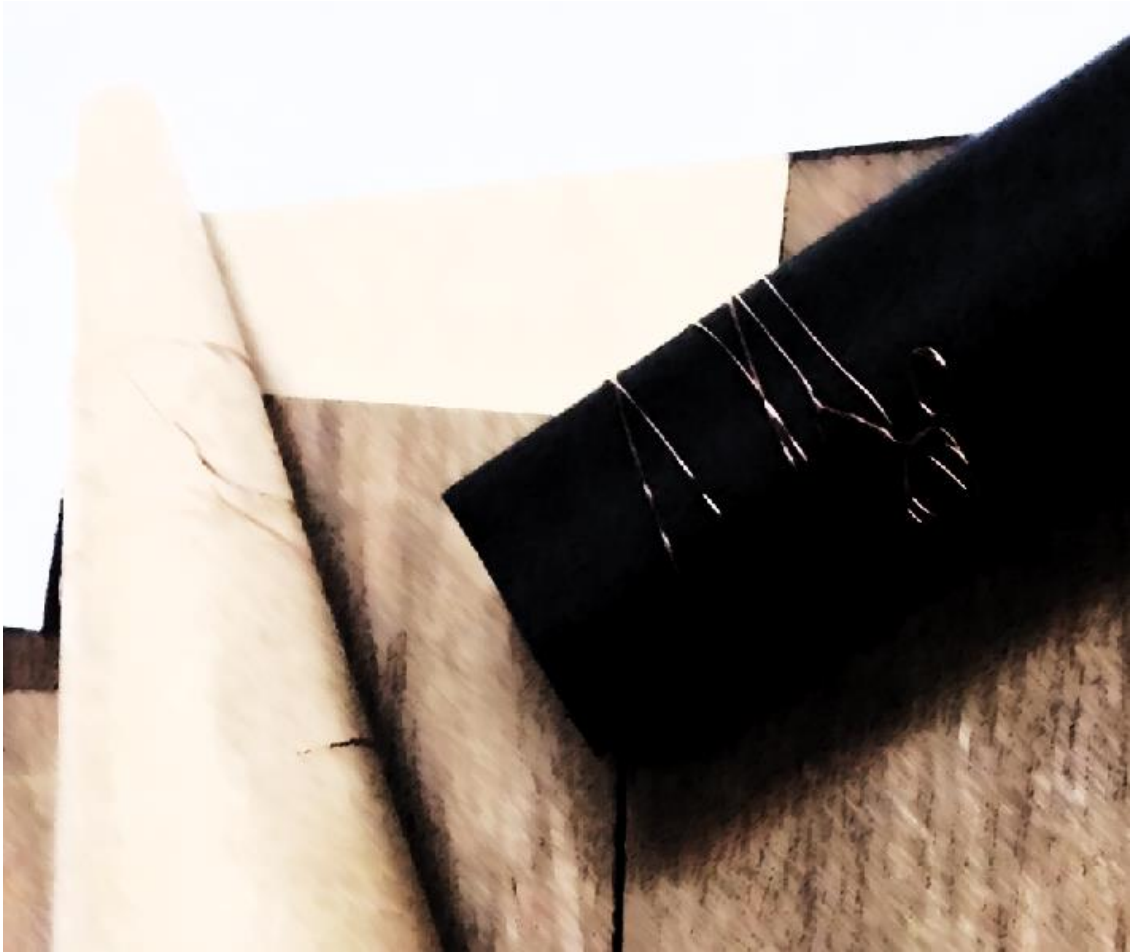
...caminhar quando linha 2



[3]

constrangida no espaço revolve
no virar a volta simula interdições de presenças ausentes
ao se efetivar perscrutando, por vezes desalenta
se desalinha
enredando-se ensimesmada aninha

...caminhar quando força



[4]

caminhante indo a frente era Geodésia
centrífuga indo a frente era orbitante
a linha lhe dava às voltas
a folha lhe impedia colabar
expansão, contenção, colapso e sustentação... a postos

...caminhar quando mistério



[5]

veio de onde?
para onde vai?
a linha que nasce, morre?
durante, os saltos do caminhante

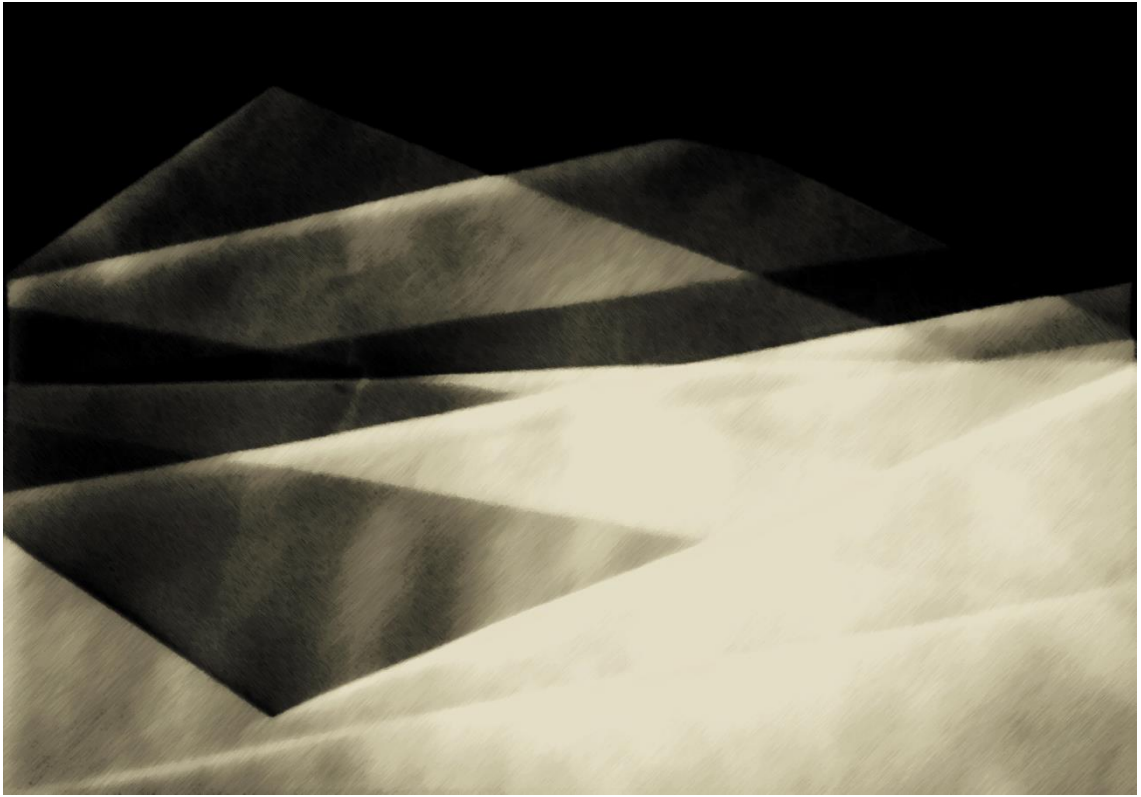
...caminhar enquanto repouso



[6]

a materialidade se explicita no caminhar
há as que estruturam e as que se deixam estruturar
entre elas uma dança contemporânea
água, jarra e copo

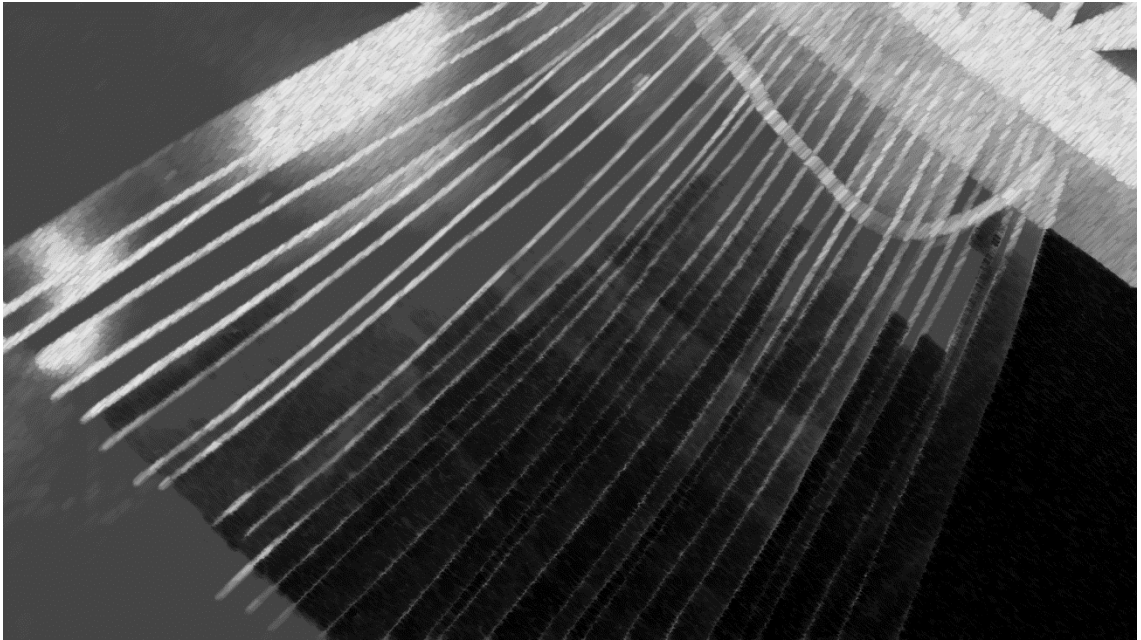
...caminhar enquanto entre



[7]

a superfície revela e esconde
onde a borda entre as formas conformada
confirma apenas a presença do horizonte
linha que sendo limite é nada

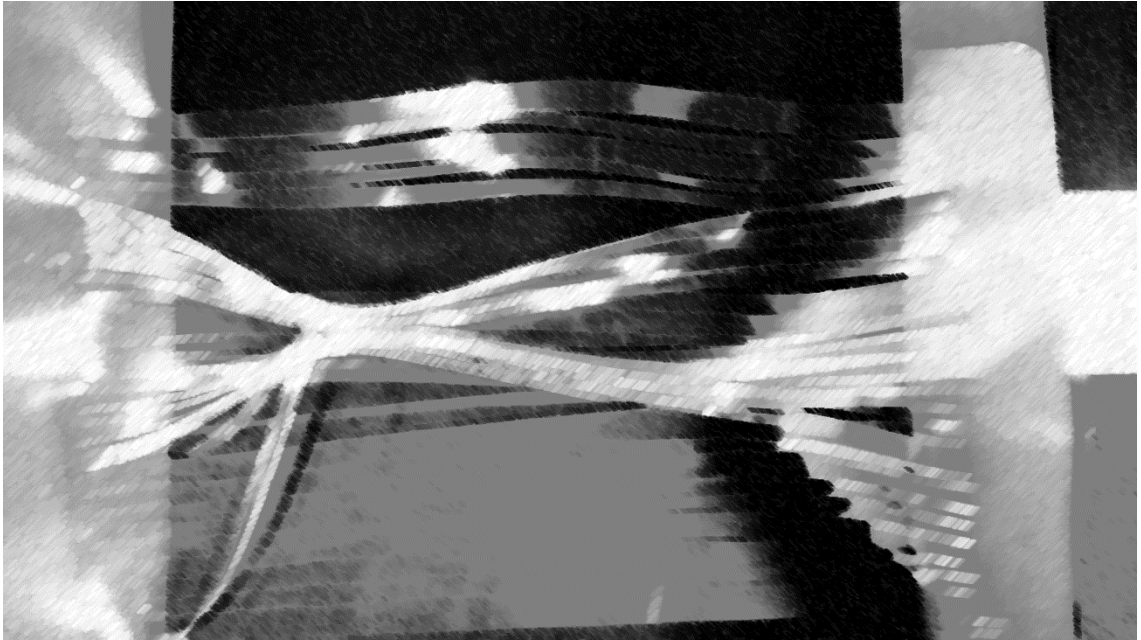
...caminhar quando anúncio



[8]

as vezes a forma é potência
é na fabulação de futuro que ela acontece
neste estado há algo de interdição... e de espera

...caminhar quando ferida



[9]

há, na fissura entre as linhas abismadas, memória
podem até desejar consubstanciar
a sumirem as cicatrizes?

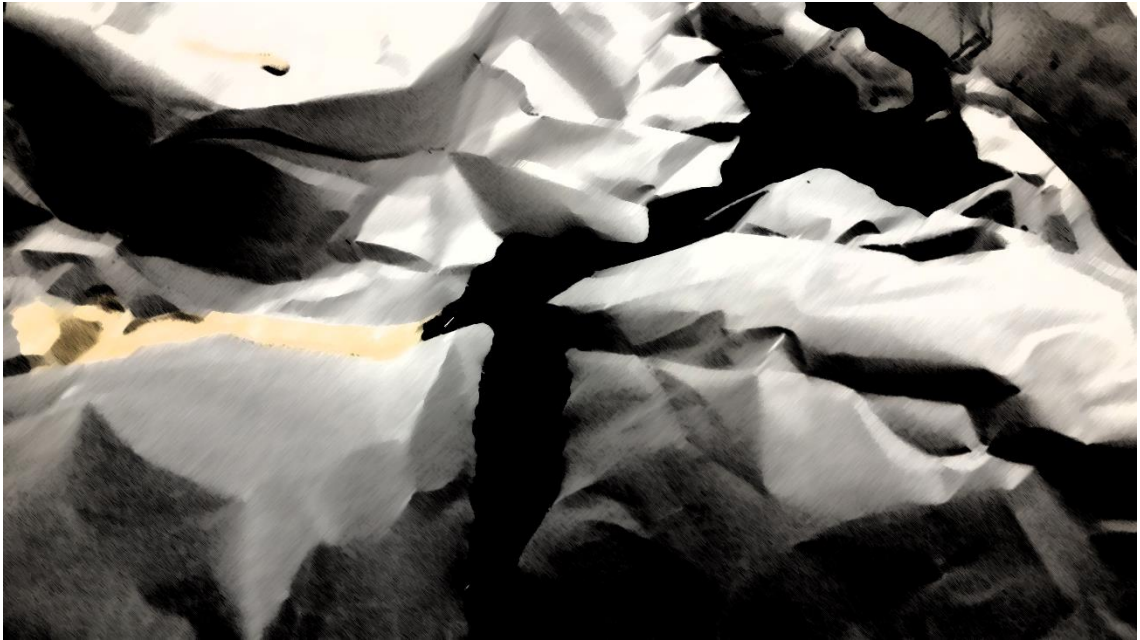
...caminhar quando vertigem



[10]

os planos se rebelavam em verticais
surgiam do solo alvo
e o vento que caminhava
serpenteava e se divertia
o que estava fora do plano não lhe pararia
sub-verter era o que lhe cabia

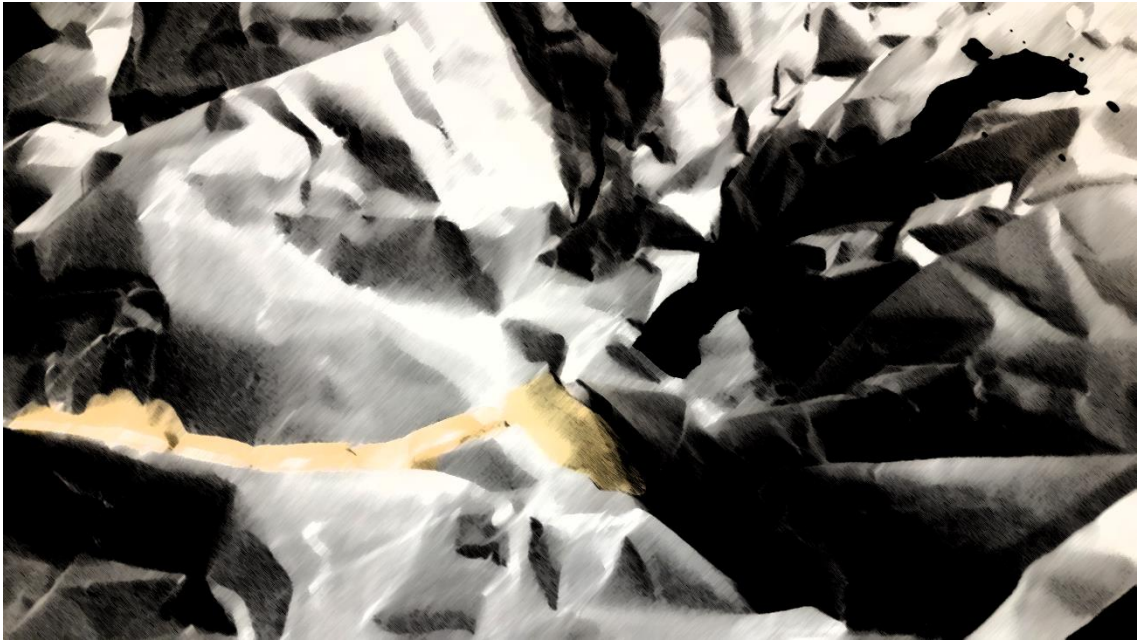
...caminhar enquanto encontro



[11]

das montanhas fez-se os rios
no relevo, águas convergentes
ao se misturarem
a presença efêmera de uma genealogia cósmica

...caminhar quando desencontro



[12]

das montanhas fez-se os rios
no relevo, águas divergentes
ao se afastarem
a ausência

...caminhar enquanto movimento



[13]

movimento

sobre-posição

sopro

acomodação

tensionamento

de-formação

errático

2. Os rastros

Contextos de trabalho, instantâneos do processo realizado na elaboração e re-flexão sobre a experiência ao longo do Curso. Consequências, rastros dos movimentos, registros, constelar efêmero de processos inventados*.

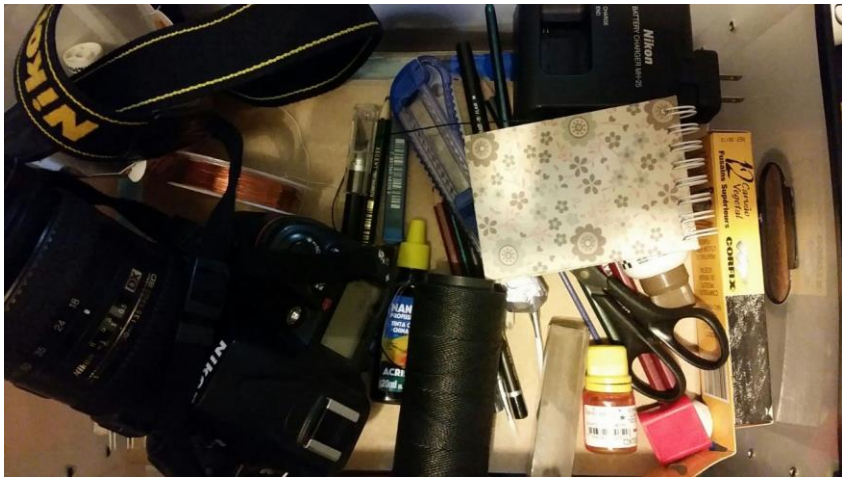
abarc
abertura
ação
aciona
ações
acompanhar
processo
além
alvo móvel
assegurar
atenção
atenção a si
atenção é criação
atenção flutuante
ausência de
hierarquia
mobilidade da
atenção
combinações como
seleção
voluntária
autodefinição
autoria
captura reflexa
colocação
concentrado/
disperso
conexão
configuração do
território
observação
conhecer é criar
uma realidade de
si e do mundo
conhecimento/
transformação da
realidade entre o
conhecimento/
transformação do
pesquisador
conhecer e fazer
conhecimento

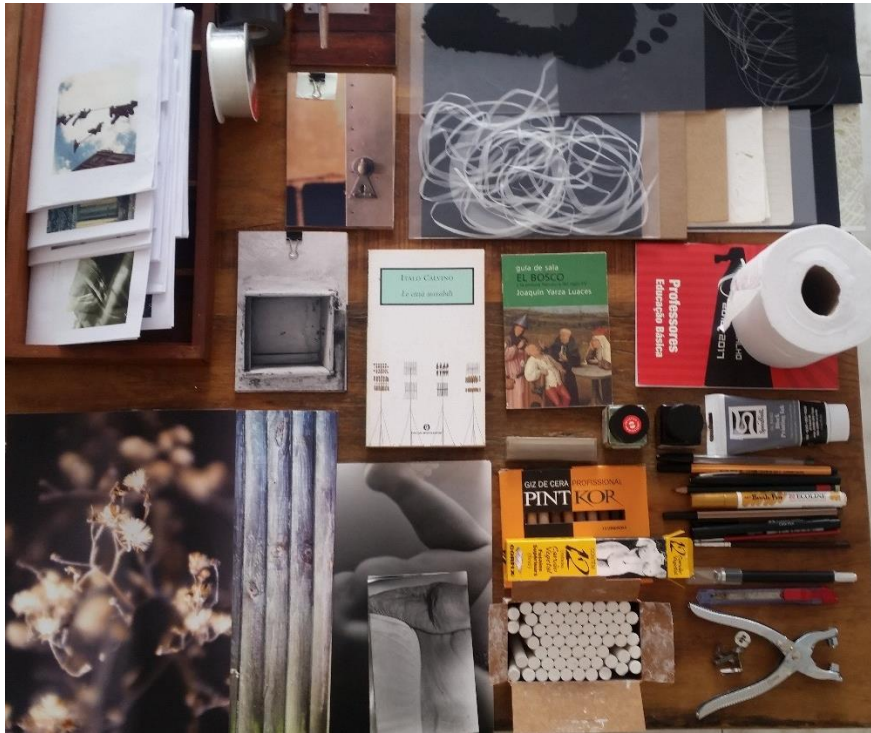
consequências
políticas
construção de
verdades
construção
criação
criador e
criatura
realidade/
artifício
crítica de
processo
desenvolver e
coletivizar
cultivo
cultura
decalagem
deixar vir
desenvolvimento
desnível
detecção
detecção de
signos e forças
circulantes
dicotomias
discutir o
processo criativo
abrangente
dispersores
diz em volta
entrelaçados
espaço para
ideias novas
espaço/tempo
espreita
estrada repleta
de vicinais
processos
movimentos
experiência
experimentação
explicitação

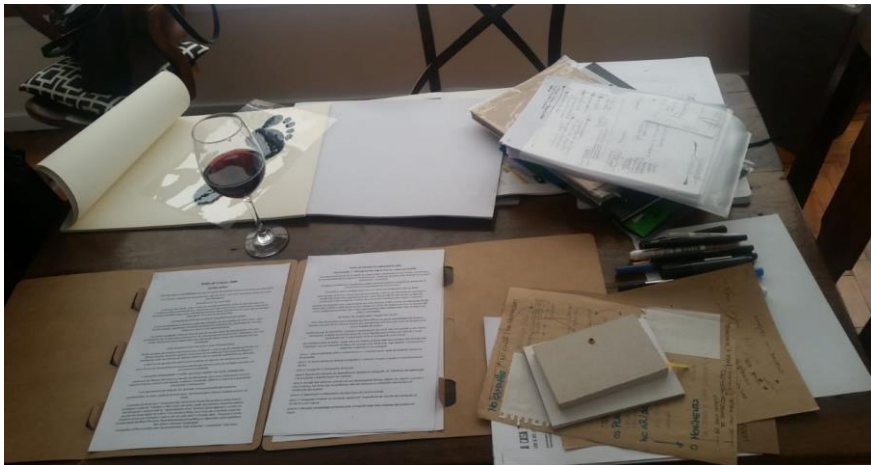
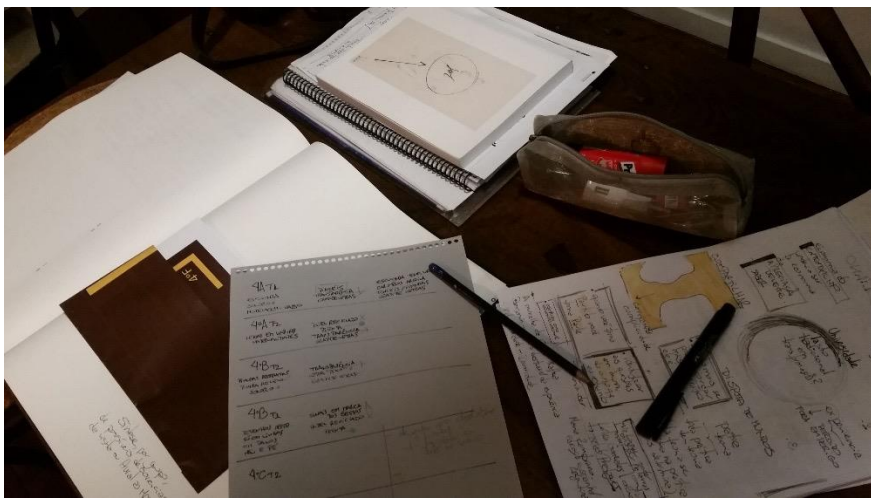
expressão
expressão nos dá
o procedimento
fenômenos em
perspectiva de
processo
fenômenos em sua
mobilidade
flutuação
ficção/
documentário
fato/invenção
flutuação da
cognição
flutuação
involuntária
focalização
dispersa
focado/desfocado
gavetas
gradações
habitar
impossível a
neutralidade
intenções
intenso
intervenção
intervenção como
caminho
intervenção do
acaso
investigar
processos em
escape
irrupção
juízos
leituras
libertas
livro-
multiplicidade
lógica da
incerteza

macro relações	objeto e método	recorrências
macrocontexto	obra/ processo	recursos
mergulho no plano	olhar interno	rede
da experiência	organização como	redes do
método processual	rizoma	pensamento
microcontextos	parada do/no	redireção
microproblemas	movimento	reflexões
mismatch	parênteses	remeter
modificação da	pensamento	resistência
estrutura	pensamento das	ritmo
consciência como	relações	seleção
domínio de	percepção	seletivo ou
mutações	percurso	flutuante
modo involuntário	permanente	sensação
modulação da	mobilidade	signos
intencionalidade	perspectiva	simultaneidade
movimento	pistas	sintonia
movimento falível	plano coletivo	subjetividade
movimento	das forças que os	sujeito
tradutório	produzem	suposição de
referência	política	sujeito e objeto
múltiplas	pontas do	suspensão
conexões	processo	suspensão de
mundo/agente	pouso	inclinações e
mundo/invenção	pousos	expectativas do
não a um	práticas	eu
pensamento das	práticas de	território
essências	narrar	território
não determinar	presente	existencial
ponto final	prévios à relação	texto/
novas formas	princípio se	agenciamento
não determinar um	dissolvia	toque
ponto inicial	imersão	transformação
não é seleção	processo	transformação
não esperar	processo de	transformação do
garantia para a	seleção	problema
análise	processos	memória
não há coleta de	processos	varredura do
dados	específicos	campo
não linearidade	produção	visitas ao campo
não representar	produção dos	vislumbre
natureza geral	dados	voluntário/
nexos	projeto poético	involuntário
nova forma	rastreio	atenção configura
novas relações	reação de	o campo atenção
nuances	orientação	opera mutações
objetivismo/	percepção háptica	vãos
subjetivismo	reconhecimento	zona de contato

* Em negrito palavras derivadas da leitura da introdução do livro "Redes de Criação" de Cecília Salles e, sem negrito, palavras derivadas da leitura da introdução do livro "Pistas do Método Cartográfico" de Virginia Kastrup, integrantes do trabalho "Método para Caminhar por dois textos" (Fecchio, 2018)







4. Conclusão

Pretendi aqui compartilhar parte do processo vivido neste caminho: as manipulações realizadas, as aproximações, os agrupamentos, fusões, os recortes, as exclusões, as costuras, as justaposições, as priorizações... testemunhando, de certa maneira, neste fazer em vivência-pensamento-imagem-palavra, o próprio processo de criação de realidade na interação com o mundo.

O processo se deu de tal forma a permitir a criação de uma maneira de narrar que surgisse do encontro, seus ritmos e conteúdos.

O *entre*, objeto e sujeito, foi entendido não como território de dois separados, mas como um único campo de experiência a transformações mútuas, implicando em criações, conhecimento e fazeres, ou seja, em política e produção de subjetividade.

Na *investigação* dos processos, couberam mais os movimentos e menos as estruturas. A atenção, presente de tal forma a modular a intencionalidade com a amplitude necessária para contemplar mutações e redirecionamentos como num mapa móvel, como num rizoma¹. A pesquisa experienciando o pensamento na práxis, manipulativa e reconfigurativa da relação.

Na *atitude investigativa*, ou nas dinâmicas frente ao território de observação, compreender que não há coleta de dados, mas produção de dados. A atenção implicando, em todo o processo, na suspensão de inclinações, expectativas, seleções prévias, atualizações de cognições ou juízos. Na *atenção flutuante* (em oposição a uma atenção seletiva) se constituindo a criação do que já se encontrava, sendo responsável pela configuração do próprio campo perceptivo, como intenção variável e engendramento.

Nas *análises* realizadas, menos a garantia definitiva e mais o acompanhar os caminhos e derivas² da investigação. Ainda aberto.

Há de se estar em relação.

Há de se criar gosto pelos lugares de tensão, pela sujeita que fica sob o tapete, pelo não dito, pelo interdito, pelo que existe e não pode ser mostrado, pelo bastidor, pela

¹ Passos

² Salles

urdidura, pela impressão que afeta de relance, pelo *currículum mortem*.

Há de se acreditar na poesia.

Há de se apostar no silêncio.

Há de não se dizer tudo.

Há de entrever no aparente, o velado.

Há de se voltar, durante, ao percurso.

Há de se valorizar muito o processo.

Há de se lembrar que para acompanhar processos implica em não pré determinar, na sua totalidade, os procedimentos metodológicos.

Há de se lembrar que "Os princípios característicos das multipheidades concernem a seus elementos, que são singularidades; a suas relações, que são devires; a seus acontecimentos, que são hecceidades (quer dizer, individuações sem sujeito); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos livres; a seu modelo de realização, que é o rizoma; a seu plano de composição, que constitui platôs; aos vetores que as atravessam, e que constituem territórios e graus de desterritorialização"³.

Há de se apostar na experimentação do pensamento⁴.

Há de se tomar a precisão como compromisso e interesse e não como exatidão⁵

Há de se exercitar a escuta.

Há de se aprender a "não impedir", ou seja, "não acrescentar ou retirar. Ficar, justamente, na adjacência da mudança em curso e extinguir-se tão logo possível"⁶.

Há de se acreditar na capacidade do outro⁷.

Há de se respeitar a possibilidade nossa e a do outro.

Há de se entender que são muitas as verdades.

Há de se entender que conhecer é criar⁸.

Há de se ter compromisso ético com a realidade criada, produção de conhecimento e de subjetividades⁹.

³ Deleuze-Gattari

⁴ Deleuze-Gattari

⁵ Deleuze-Gattari

⁶ Gattari

⁷ Jacques Ranciere

⁸ Humberto Maturana e Francisco Varela

Há de se lembrar que "Nunca nada é adquirido. Nenhum estádio, nenhum complexo nunca é transposto, nunca é ultrapassado. Tudo permanece sempre plano, disponível a todos os reempregos mas também a todas as derrocadas. Tudo é assunto de consistência, de agenciamento e de reagenciamento"¹⁰.

Há de se considerar que o "... atrito entre o sentido convencional das palavras (tal como estão no dicionário) e as características expressivas da escritura manual abre um campo de experimentação poética que multiplica as camadas de significação"¹¹.

Há de se ter atenção com os caminhantes pois estes são corajosos e vulneráveis.

Há de se temer e cuidar dos caminhantes.

Há de se colocar dentro do corpo (in-corporar) o fato simples de que a vida pode ser mais verdadeira se compreendida como a poética de um caminhar.

⁹ Deleuze-Gattari

¹⁰ Gattari

¹¹ Antunes

5. Referências Bibliográficas

- CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gili, 2013
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- GUATTARI, F. Inconsciente Maquínico: Ensaio de Esquizo-análise. Campinas, Papirus, 1988.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia e ESCÓSSIA Liliana. (Org.). *Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 1a ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PAZ, Octávio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante - Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- SALLES, C. A. *Redes da criação: construção da obra de arte*. Vinhedo: Horizonte, 2006.